

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO
NORTE

HELLEN DIANA FERNANDES ARAÚJO

GÊNERO E CIÊNCIA: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DAS PROFESSORAS DE
QUÍMICA E TÉCNICAS DE LABORATÓRIO DO IFRN-CAMPUS MACAU

MACAU-RN
2018

HELLEN DIANA FERNANDES ARAÚJO

GÊNERO E CIÊNCIA: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DAS PROFESSORAS DE
QUÍMICA E TÉCNICAS DE LABORATÓRIO DO IFRN CAMPUS MACAU

Relatório Técnico apresentado ao Curso Técnico em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Técnico em Química.

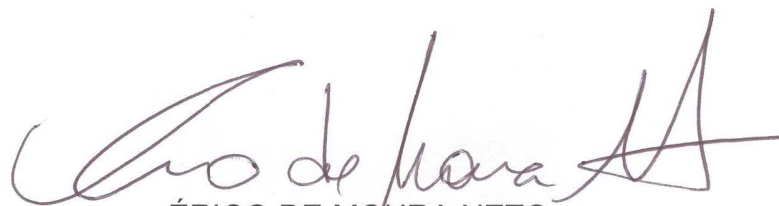
Orientador: Prof. Dr. Érico de Moura Neto
Coorientador: Prof. Ms. Alyson Fernandes Freire

MACAU-RN
2018

HELLEN DIANA FERNANDES ARAÚJO

Relatório de Pesquisa intitulado “**GÊNERO E CIÊNCIA: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DAS PROFESSORAS DE QUÍMICA E TÉCNICAS DE LABORATÓRIO DO IFRN-CAMPUS MACAU**” e submetido à Coordenação do Curso como requisito parcial para obtenção do título de Técnico em Química, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus Macau*.

Aprovado em 22 de maio de 2018.



ÉRICO DE MOURA NETO
Professor Orientador
Matrícula SIAPE 1779730

“agora que percebemos
que somos a nossa própria cura
anos de silenciamento
agora provocam vendavais

ao lado das minhas estou a salvo”

Ryane Leão

AGRADECIMENTOS

Desafio tão grande quanto escrever este relatório será agradecer de forma justa a todos aqueles que me acompanharam durante todo esse percurso que foi o Curso de Técnico em Química...

Primeiramente, agradeço à Deus por me dar a oportunidade de existir.

Depois, à minha mãe Angela Fernandes, por ser a mulher mais incrível que já conheci; por me inspirar e me apoiar, obrigada por ser a minha definição de superação e coragem... você é meu maior exemplo de que nós, mulheres, podemos ser tudo o que quisermos!

Gratidão à minha família, por sempre me apoiar e me aceitar como eu sou.

Aos meus orientadores Érico Moura e Alyson Freire, que me auxiliaram maravilhosamente na elaboração desse trabalho; meu muito obrigada; ele não seria o mesmo sem a colaboração de vocês.

Às entrevistadas que se dispuseram a fazer parte desse trabalho, quero dizer que vocês me ensinaram sobre sabedoria e persistência de um jeito único. Obrigada por me mostrarem que juntas somos mais fortes.

À todos os professores que além de mestres se tornaram amigos e me aconselharam durante esses quatro anos, meu muito obrigada; em especial ao meu eterno professor de Sociologia a quem tive a honra de ser orientanda... Obrigada por me ajudar a trilhar tão belamente esse caminho, Alyson Freire.

Aos meus amigos, por todos os conselhos e risadas, por permanecerem e me apoiarem, eu agradeço.

Agradeço à Turma Adriano Martinez na qual eu estive por quatro anos e que me ajudou a evoluir de um jeito inexplicável; principalmente ao meu grupinho que me

aceitou de um jeito louco e permaneceu sempre comigo. Lara Soares, Raiane Souza, Samilly Silva e Victória Ferreira, tenham a certeza que eu não teria chegado até o fim sem a ajuda de vocês.

Ao Grêmio Estudantil Benito Barros e todos que dele fizeram parte, por me mostrar a importância de lutar pelos nossos direitos e me ajudar a crescer enormemente, obrigada.

E por fim, ao IFRN que, como um todo, me acolheu e me deu o necessário para que eu aprendesse a voar.

Tenham a minha gratidão.

RESUMO

Este trabalho visa analisar a trajetória acadêmica e profissional das professoras de química e técnicas de laboratório do IFRN – *Campus* Macau a partir da perspectiva de gênero. Nelas pôde-se trabalhar a percepção que cada uma delas obteve dos preconceitos de gênero vividos durante sua trajetória. Para isso foram realizadas entrevistas individuais e semi-estruturadas com 5 mulheres. Percebeu-se que em seus discursos, as entrevistadas enfrentaram dificuldades e conflitos durante algum momento de sua formação e atuação profissional por serem mulheres, mas sem, no entanto, uma compreensão articulada sobre os obstáculos vivenciados em termos de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Trajetórias sociais. Ciência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: GÊNERO E TRABALHO	12
4. ANÁLISE DOS RELATOS	15
5. CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXO	40

1. INTRODUÇÃO

A desigualdade entre homens e mulheres se tornou, nas últimas décadas, um dos principais assuntos globais, tratado como um dos mais relevantes problemas da nossa sociedade, sendo, por isso, uma questão pautada e evidenciada por diversas instituições, movimentos sociais e organizações pelo mundo.

No Brasil, diariamente mulheres sofrem com a desigualdade social entre os gêneros resultante de um passado machista, seja em casa, na faculdade, na política ou em qualquer ambiente antes dominado somente por homens. Essas diferenças se tornam maiores devido às separações nas atividades e funções destinadas a cada gênero (IBGE, 2018).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), ainda hoje, as mulheres continuam sendo maioria quando se trata da dedicação aos trabalhos domésticos e aos cuidados de pessoas, isso equivale a cerca de 73% de horas a mais de atividades para as mulheres do que para os homens, isso pode explicar o porquê delas serem as que mais trabalham em empregos de meio período.

Essa desigualdade torna-se mais evidente quando se foca a análise para o ambiente de trabalho. Mesmo que as mulheres possuam maiores índices de qualificação, os homens continuam a receber mais que as mulheres, ao desempenharem a mesma função, e a terem os maiores números de cargos de liderança (IBGE, 2018).

Em 2016, dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos (2016) com as 500 maiores empresas do Brasil, apontam que nos cargos superiores de gerência, as mulheres estão presente em apenas 31,3% ao passo que os homens ocupam 68,7%. Ao aumentar a escala hierárquica nas empresas para as funções executivas e de conselho, os números dos cargos ocupados por homens saltam para 86,4% e 89%, respectivamente.

No mundo da ciência essa disparidade de gênero não é diferente e reforçada pelos elos culturais entre determinados atributos psicológicos e sociais, como poder,

liderança e racionalidade e os supostos modos de ser “naturais” de homens e mulheres na sociedade. Um exemplo disso é um estudo feito com pela Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO) com apoio da Cátedra Unesco Mulher, Ciência e Tecnologia, que entrevistaram 360 meninas de 6 a 10 anos e constataram que nove em cada dez meninas, com idades entre 6 e 8 anos, consideram que a engenharia é uma área que necessita de afinidades e destrezas masculinas. E, também, associam as áreas de engenharia e matemática às pessoas mais “inteligentes e importantes” (MORENO, 2018).

Esses estereótipos que ligam a inteligência e a racionalidade ao universo masculino, transmitidos pelo que a sociologia chama de processos socializadores na família e na escola, principalmente, fazem com que muitas mulheres se afastem dessas áreas ou desistam por não se considerarem aptas ou capazes o suficiente (RODRIGUES, 2011). O aumento da participação feminina em áreas tecnológicas e das ciências exatas, ao atuarem como docentes e/ou pesquisadoras, não significa que os obstáculos ao reconhecimento do trabalho e à competência das mulheres tenham sido derrubados na mesma proporção (DA SILVA e RIBEIRO, 2011).

A persistência das desigualdades e preconceitos de gênero nas ciências trazem à tona, assim, a metáfora do *Teto de vidro*¹ que fala exatamente sobre esse preconceito “invisível” vivido pelas mulheres, o qual as impede, muitas vezes, de chegar ao topo de determinadas carreiras e de realizar todo o seu potencial intelectual e profissional.

Com base nisso, a presente pesquisa pretende abordar o sexismo e os efeitos das desigualdades e preconceitos de gênero na trajetória de trabalho/estudo das professoras e técnicas do IFRN *campus* Macau, a partir da percepção que cada profissional possui sobre os preconceitos vividos em suas biografias acadêmicas e laborais. Para isso foi realizada uma abordagem qualitativa e sociológica, através de entrevistas com essas mulheres profissionais da química, apoiadas por um

¹ Metáfora bastante conhecida na área de estudos feministas que é utilizada para representar o obstáculo invisível, mas real, que impede as mulheres de alcançarem determinados cargos de prestígio.

questionário e roteiro produzido para analisar as trajetórias e os significados sociais atribuídos por nossas interlocutoras.

Esse trabalho torna-se necessário e fundamental para que possamos entender como os preconceitos de gênero atuam no decorrer dos anos e impactam as trajetórias biográficas das mulheres da área da química, que muitas vezes é disfarçado a ponto de só ser levado em consideração após um estudo como esse.

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de conhecer e analisar as trajetórias acadêmicas e profissionais das mulheres e os significados atribuídos ao papel que o gênero desempenha em contextos das áreas científicas técnicas, como as exatas, culturalmente tidas como “masculinas”, esta pesquisa adotou como procedimento metodológico a entrevista qualitativa. A pesquisa qualitativa busca abordar questões e dimensões que não necessariamente são quantificáveis. Como define Minayo (2001, p.21), “(...) ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações (...)”.

Através de um roteiro semiestruturado de questões (MINAYO, 2001), foram aplicadas entrevistas individuais com as professoras de Química e com as técnicas de laboratório do IFRN *campus* Macau. O roteiro das entrevistas, que está descrito no Anexo A deste trabalho, foi dividido em dois blocos: o primeiro com perguntas voltadas para a caracterização do perfil socioeconômico das entrevistadas; e o segundo, com perguntas voltadas para o conhecimento subjetivo acerca da experiência escolar profissional dessas profissionais que perpassam pelas questões de gênero.

Nesse sentido, a pesquisa realizou entrevistas do tipo histórias de vida tópica, que segundo Minayo (2001, p.59), são aquelas que focalizam uma “(...) etapa ou um determinado setor da experiência em questão” e não o conjunto da experiência vivida e biográfica dos indivíduos.

Com o objetivo de realizar sobre as entrevistas uma análise compreensiva dos sentidos de suas falas e narrativas, as entrevistas foram gravadas e transcritas. Isso permite, com apoio da análise qualitativa das entrevistas, estruturar os episódios biográficos, os significados socioculturais sobre o gênero, a carreira e o trabalho (WEBER, 2001).

O universo entrevistado foi de 5 mulheres. Portanto, uma amostra não probabilística, quer dizer, não representativa, uma vez que o enfoque principal da pesquisa consiste na análise da experiência pessoal e social de gênero no contexto

da formação e atuação profissional dessas mulheres. Duas delas são professoras, uma com formação em licenciatura em química e a outra na área de engenharia química, as outras três são técnicas de laboratório, duas com formação em química e uma com formação em ciências biológicas. Para garantir o anonimato de suas identidades e privacidade, seus respectivos nomes foram trocados por nomes fictícios.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: GÊNERO E TRABALHO

Durante a maior parte da história da sociedade moderna, persistiu a crença de que as mulheres eram biologicamente incapazes de seguir nas áreas mais “duras” das ciências – expressão que por si só já denota a marca de gênero sobre as divisões e especialidades da ciência (DA SILVA e RIBEIRO, 2011).

Mesmo as que provavam o contrário, de que as mulheres podiam sim trabalhar nas ciências, eram inferiorizadas e tinham seus trabalhos desmerecidos e vistos apenas como puras dispersões. Temos como exemplo Marie Curie que mesmo sendo a primeira pessoa a receber dois prêmios Nobel, perdeu, por ser mulher, o direito de ingressar na Academia de ciências da França.

Devido a exclusões como essas, surge inúmeros debates entre teóricas e pesquisadoras do movimento feminista e o conceito de gênero, o definindo como conhecemos hoje. Elas argumentavam que as características biológicas não eram a explicação para desigualdade e exclusão entre os gêneros e, sim, o modo como elas são representadas (DA SILVA e RIBEIRO, 2011).

Simone de Beauvoir debate em seu livro “Segundo Sexo” sobre o porquê de nos sistemas de relação de poder da cultura ocidental as mulheres estarem em uma posição inferior em relação aos homens, e ao afirmar, com sua célebre frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, ela descarta a possibilidade das condutas masculinas e femininas serem naturais (RODRIGUES, 2011).

Para o antropólogo francês Maurice Godelier (1978 apud SCOTT, 1995 p.17),

“(…) as diferenças entre os corpos que são ligados ao sexo, são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e fenômenos sociais que não tem nada a ver com a sexualidade. Não só testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar”

Trata-se de exemplos de ligações explícitas entre o gênero e o poder, mas elas só são uma parte da minha definição de gênero como um modo primeiro de significar as relações de poder. Frequentemente, a ênfase colocada sobre o gênero não é

explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade (SCOTT, 1995).

Para as ciências humanas e sociais, a construção de gênero é totalmente ligada às relações sociais de um indivíduo e não ao seu sexo biológico, como a maior parte das pessoas acreditam. Ou seja, a adesão meninos e meninas a determinados “comportamentos padrões”, não corresponde totalmente aos seus diferentes hormônios e, sim, as expectativas ao processo de socialização em que estão inseridos na família, nos grupos de afinidade, escola, igreja, meios de comunicação, trabalho etc (RODRIGUES, 2011).

Por isso, a percepção sobre o mundo das profissões, o mundo do trabalho e suas atividades profissionais específicas, é, muitas vezes, construída social e culturalmente pelos processos de socialização, transmitida e imposta por parentes e solidificada pela escola e outras instituições sociais, tendo, assim, grande influência nas escolhas e na visão que cada criança terá sobre quais as áreas de trabalho serão escolhidas. E, nessa percepção e escolha, a dimensão do gênero é estruturante. Desde criança, é ensinado e transmitido que há uma divisão entre mulheres e homens em suas ocupações, que existem atividades profissionais mais “masculinas” e outras mais “femininas”; trabalho de homens e trabalho de mulheres. Ou seja, ser homem e mulher destinaria a escolha de certas profissões, os lugares sociais e profissionais de homens e mulheres já estão, em certa medida, determinados no mundo, tornando-se assim, essa separação algo socialmente aceito para os homens e para as mulheres que nascem e crescem, quer dizer, que são socializados, em uma sociedade em que o gênero é uma dimensão estruturante da divisão do trabalho (RODRIGUES, 2011).

Isso nos leva ao conceito de divisão sexual do trabalho. Para as sociólogas Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), esse conceito tem sido utilizado nos estudos pelo menos em duas direções. Primeiro, sobre a questão da distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, constatando as divisões e desigualdades de gênero no mundo das profissões em que umas, historicamente, são mais ocupadas por homens ou mulheres. Em segundo lugar, o conceito de divisão sexual do trabalho aplica-se, também, sobre a análise dos “processos mediante os quais a sociedade

utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e, portanto, os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero” (HIRATA e KERGOAT, 2007, p.596).

Portanto, temos na divisão sexual do trabalho dois princípios organizadores da realidade social dos gêneros no mundo do trabalho: “o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem ‘vale’ mais que um trabalho de mulher)” (HIRATA e KERGOAT, 2007, p. 599).

4. ANÁLISE DOS RELATOS

A seguir, apresento um breve perfil social de cada uma das entrevistadas, e em seguida, apresento os relatos colhidos nas entrevistas e desenvolvo uma análise dos mesmos.

Entre as entrevistadas têm-se duas professoras e três técnicas. Entre elas têm-se uma mestra em ciências biológicas, duas mestras em química, uma técnica na área de química e uma mestra em engenharia.

Suas idades variam entre 27 e 48 anos. E o tempo de atuação no mercado de trabalho de 1 a 20 anos. Quanto a educação básica, duas estudaram em escola pública e duas em escola particular. Apenas uma variou entre os dois tipos de escola.

As entrevistas foram feitas em diversas áreas do *campus*, não tendo um lugar específico e tiveram a duração média de 30 minutos. Durante toda a aplicação do questionário, as entrevistadas se mostraram abertas e confortáveis com as perguntas.

A seguir têm-se a análise das questões voltadas para o conhecimento subjetivo acerca da experiência escolar-profissional dessas profissionais, que perpassam pelas questões de gênero, e em negrito itálico aparece a transcrição das falas de algumas das entrevistadas.

Quando questionadas se consideravam importante ter uma profissão, a maioria das entrevistadas afirmaram que sim. Em suas opiniões, ter uma profissão é sinônimo de independência financeira, autonomia, realização pessoal e dignificação para ambos os sexos.

Para Mariana o fato de sua mãe ter sido dona de casa e por isso depender de seus maridos, foi um dos grandes porquês para que ela pensasse desde cedo na importância de se ter uma profissão.

Mariana:

“Minha mãe, por não ter tido formação e ter cuidado a vida inteira da casa e dos filhos, ela sempre foi muito dependente dos maridos (ela foi casada, eu sou filha do segundo casamento dela) e eu via, e minha análise daquilo tudo é que era muito ruim depender, ser dependente do marido, porque a gente passava dificuldade por causa disso, a única pessoa que proporcionava renda dentro de casa era meu pai. E aí eu colocava isso na minha cabeça, que eu não podia assumir aquele mesmo perfil, sabe? Que eu tinha que buscar a minha profissão, a minha formação, inserção no mercado de trabalho.”

Em relação à quando haviam começado a pensar em ter uma profissão e o porquê, as respostas foram bem parecidas. O desejo da profissão veio desde antes da escola, mesmo sem saber qual queriam seguir, todas tinham o objetivo em comum de alcançar a independência. Essa vontade de autonomia, principalmente financeira, foi despertada por uma influência indireta da análise que algumas fizeram da situação de seus pais que, para algumas, havia sido prejudicada pela falta de estudo.

Bárbara:

“Desde sempre, desde que eu comecei a me entender. Acho que no primeiro ano eu comecei a pensar que eu poderia ter uma profissão, muito por ver que meus pais não tinham seguido em frente em relação ao estudo e que por esse motivo eles não tinham conseguido muito recurso, um emprego bom, então, eu pensava muito em estudar pra ter um emprego que eu pudesse arcar com as despesas e viver de uma forma que eu pudesse ter o que eu quisesse, o suficiente para sobreviver.”

Em nossa sociedade o trabalho é fortemente associado a uma fonte de independência tanto no sentido econômico quanto no sentido moral e social. Para as mulheres esse sentimento vem se tornando mais forte, já que para algumas ter um

emprego pode significar provar que em uma sociedade tão fortemente machista, elas conseguem ser provedoras de si mesmas (LIMA, 2013).

A escolha de qual profissão vai ser seguida é considerada para muitos como uma das decisões mais importante a serem feitas (o quê?) e muitas vezes essa escolha sofre influência da sociedade, mas principalmente dos familiares e amigos. Entre as profissões pensadas por elas, medicina e direito foram as mais citadas, mas algumas transitaram por várias áreas até “se encontrarem” na profissão de hoje.

Apenas Lise, afirma saber desde pequena qual área iria seguir. Ela ressalta também que o retorno financeiro nunca foi o seu foco, a curiosidade por conhecer compreender o porquê e o funcionamento das coisas é o que mais a instigava na escolha de uma profissão.

Lise:

“É porque eu realmente tinha aquela utopia de querer estudar algo pra conhecer o mecanismo, conhecer o porquê do começo ao fim, hipóteses... Sempre me encantou essa área das ciências e ciências biológicas, certo, e eu escolhi por causa disso.”

Ao serem questionadas se acreditavam na existência de profissões exclusivas para homens e mulheres, a maior parte respondeu que não, que as mulheres cada vez mais estão “dominando” territórios masculinos, mesmo que a sociedade tenda a direcioná-las.

No entanto, Rita acredita que sim, existem profissões mais adequadas a homens e mulheres. Sua justificativa se apoia na ideia da existência de características físicas desiguais e diferentes entre os sexos.

Rita:

“Sim, provavelmente. Porque se for considerar um perfil, se for precisar de um, por exemplo, pessoas que tenham um perfil que tenha que ter altura, que tenha que ter sexo, principalmente

porque tem uma certa, a gente tem que ver que tem uma diferença, né, entre homens e mulheres, que tem pessoas que tem o porte físico que pode suportar peso por exemplo, então aí seria mais voltado pra essas pessoas, homens né...”

Ideia que Lise, por sua vez, contesta em seu relato:

“Independente de ter tonos musculares, de ter força, de ter agilidade locomotora, mental, isso não existe, não existe essa distinção ao meu ver.”

Ainda sobre os determinantes nas escolhas profissionais, Mariana afirma:

“Eu sempre amei química e biologia, sempre, desde o colégio. Eu queria cursar ou química ou biologia, porque eu queria estudar ou química ou biologia, eu não queria ser nenhuma outra coisa. Quando eu entrei pra universidade estadual né, que eu passei em química, eu ainda fiquei os dois primeiros semestres meio refletindo [...] de início eu pensava “não, vou pensar aqui se eu faço biologia, se eu faço alguma outra coisa”, mas depois você se encanta pela química e pela docência, quem tem o dom né, que eu acho que tem muito isso também, nem todo mundo tem aptidão pra a coisa, e aí vai em frente, ‘vai simhora’.”

Essa concepção de dom, utilizada por Mariana em sua fala, nos remete a ideia protestante de “vocação”, analisada por Max Weber em seu livro a “Ética Protestante e o Espírito Capitalista”. A noção de “vocação”, no início, um preceito ético religioso, segundo o qual cada pessoa nascia com uma “vocação” dada por Deus e segui-la era uma forma de servir a Ele, se transforma, com a emergência da sociedade capitalista, em um valor moral secularizado. Para Weber, o protestantismo criou a base psicológica e cultural que fez com que o trabalho fosse além do exercício em si, mas que de certa forma se ligasse a profundidade e identidade dos indivíduos. Com o passar do tempo, esse princípio espiritual se secularizou e a “vocação” deixou de ser uma força religiosa interna para se percebido e sentido como um “dom”, um talento

especial que nascera conosco e que deveríamos seguir na esfera do trabalho (WEBER, 2004).

Indagadas sobre o percentual de alunas e professoras em seus cursos de formação. Uma das professoras respondeu que em sua turma de licenciatura em química o número era quase igualitário, mas que ainda sim haviam mais homens. Já na turma de engenharia da outra professora, de 30 alunos apenas 4 eram mulheres. Nas turmas das técnicas em biologia e química, o número de alunos e alunas era igualitário.

Em relação aos professores, apenas duas técnicas de laboratório, formadas em química e biologia, afirmaram que o número era bem distribuído. As duas professoras e a uma das técnicas destacaram a predominância masculina entre seus docentes. As duas professoras e a outra técnica em química frisaram a predominância masculina entre seus docentes.

Essa diferença talvez possa ser explicada pela diferença de idade e da área de formação das entrevistadas. A formada em engenharia ingressou na faculdade em 1994, área que até hoje ainda é dada como masculina. As formadas em química são de uma geração um pouco mais nova do que a engenheira, porém seus professores eram de uma geração em que a mulher não tinha tanto espaço nas ciências ditas “duras”. Já a área de biologia é a que tem a maior participação feminina em áreas de licenciatura e a mais nova a se formar na área de química, mostra que é uma área em que o número de mulheres vem aumentando (DA SILVA e RIBEIRO, 2011).

Sobre a opinião delas sobre o motivo da inserção das mulheres ainda ser reduzido, algumas destacaram que era algo histórico que acabou se tornando um tipo de rótulo, mas que faltava estímulo para meninas em áreas assim. Outras, a falta de afinidade que as mulheres possam ter com essas áreas. Falta de tempo também foi considerado por uma entrevistada.

Mariana:

“... existem algumas teorias sexistas que fala que as mulheres têm menos aptidão pra cálculos, para algumas disciplinas e cursos voltados para a área espacial porque a percepção espacial da mulher em relação ao homem é diferente, o homem tem melhor percepção espacial, então o homem geralmente se identifica mais com esses cursos de engenharia e tal. Mas eu acho que isso é muito cultural também, porque eu acho que a nossa percepção espacial de repente não é tão estimulada porque quando a gente nasce a gente ganha uma boneca e o homem ganha um carrinho, né. Aí o homem já começa a ter aquela percepção de deslocamento e movimento e espaço, enquanto a gente tá só aqui sentada com a bonequinha colocando ela pra dormir ou então com as panelinhas. Então, eu acho assim, que, eu tenho minhas dúvidas até que ponto essa diferença é realmente fisiológica, ou seja, o córtex cerebral é realmente diferente, eu acredito que essa diferença é muito mais cultural mesmo, porque a gente é estimulada de outras maneiras que os homens, os meninos são estimulados.”

Em seu discurso, Mariana mostra ter uma maior compreensão sobre os diferentes processos de socialização ao qual homens e mulheres são submetidos desde a infância. Devido ao fato do gênero ser uma construção social tudo que se é ensinado como pertencente exclusivamente a um deles, acaba por se tornar um obstáculo na aprendizagem (RODRIGUES, 2011). Pois, ao não receberem a devida estimulação, nem em casa, nem mesmo na escola, muitas meninas podem internalizar que não pertencem àquela área e por fim desistirem.

Já Bárbara aborda e compreende a questão numa perspectiva mais individual e livre de constrangimentos sociais e coletivos sobre as escolhas profissionais:

“Eu acredito que seja muito em relação a se identificar com a área, eu não vejo isso com relação a sociedade ou mulher não tá

numa certa área, eu acho que cada um escolhe de acordo com o que mais se identifica, sabe...”

Irene, por sua vez sustenta:

“Talvez ela não tenha tempo suficiente para se dedicar o suficiente talvez seja por isso que os homens talvez se dêem melhor numa matemática do que numa ciências humanas, digamos assim.”

Em relação a já terem sofrido algum tipo de discriminação ou abuso na área de formação, apenas Mariana afirmou achar não ter sofrido discriminação, mas ao analisar seu depoimento pode-se perceber que ela ignora o que poderia sim ser considerado um tipo de abuso quando relata que para uma jovem professora é preciso ter uma postura mais impositiva do que o homem. Já as outras relataram suas experiências:

Mariana:

“Não, aí eu acho que não. O que acontece assim, é que, não preconceito em relação a minha profissão ou a minha competência. Agora, a professora, eu acho, mulher, principalmente quando ela é muito jovem, ela tem que ter uma postura talvez mais imposta do que o homem, porque, mais aí eu acho que é de uma maneira geral, não é só em relação a minha profissão, a mulher ainda sofre assédio, coisas desse tipo, de colegas ou de alunos mesmo.”

A indústria continua sendo um ambiente bastante duro e preconceituoso para as mulheres o que dificulta e até explica a desistência de algumas ao se depararem com essas dificuldades. Os discursos de Rita, Bárbara e Irene provam a constante discriminação vivida diariamente por mulheres que tentam ingressar na área.

Rita:

“Sim, muitas, principalmente na indústria. Onde eu trabalhava, eu trabalhava com 12 engenheiros agrônomos só tinha de mulher eu e a minha chefe e o resto era tudo homem, a produção também todos os operários eram homens. Só existia mulher na linha de produção na parte de embalagem, essas coisas. Logo no início você é discriminada, primeiro porque você tem uma formação, uma graduação e a maioria dos técnicos, não eram nem técnicos, tinham um nível médio, e achavam que você ia mandar neles, certo?! Então lá existia esse preconceito e sempre boicotavam o trabalho, né, forjavam..”

Bárbara:

“Sim. Eu iniciei um curso de fluidos lá na universidade e mulher era bem mais difícil de ser pega para trabalhar em campo, que era a parte de sonda então era uma coisa que a gente iniciou o curso, mas a professora que era coordenadora do curso mesmo disse ‘mulher geralmente não é pega para trabalhar, quem é mais é homem’.”

Irene:

“Sim. Eu fui participar de um processo seletivo para trabalhar numa indústria, mandei meu currículo e meu currículo ele tinha sido selecionado por conta da experiência, porém era um regime de turnos e eles estavam querendo homens e dentre as pessoas que estavam lá concorrendo a vaga, nenhum deles, que estavam concorrendo tinham o perfil que eu tinha. Então eles queriam homens por conta também do turno, trabalhar a noite, de madrugada, muitas mulheres também porque tinham outra vida, tinham filhos e não poderiam tá tanto tempo ausente ou não achava confortável trabalhar em turnos de revezamento e eu me dispus, precisava... tinha filho, mas eu tinha o apoio da minha mãe na época e eu me dispus e graças a Deus eu consegui.”

Seja através de uma postura que deve ser contida ou de um cientista com uma fala machista, através dessas falas se percebe que por maior que esteja se tornando a inserção das mulheres no mercado de trabalho, ainda é constante o abuso sofrido pelas mulheres até mesmo durante sua formação, como fala Lise.

Lise:

“Não é algo que se seja explanado de forma clara, mas existe sim um preconceito inerente a essas funções acadêmicas científicas, técnicas, que dizem que é melhor um homem do que uma mulher. Pra você ter uma noção, na maioria das vezes um orientador, um chefe de laboratório vai achar mais ideal ter um homem porque a mulher um dia vai engravidar e vai ter como prioridade um filho. Isso eu já escutei, eu estava na graduação cursando o quarto período quando um grande cientista do Brasil inclusive da minha área, que eu admiro profissionalmente, ele chegou pra a gente pensar em não ter filhos ou casar tão cedo, porque uma vez que têm filhos você vai ter que levar pra o balé, tem que levar pra o dentista e ele falou isso pra mim por ser mulher e não falou isso pra o meu colega por ser homem, que um dia ele teria um filho, que teria que levar pra o balé, que teria que levar pra o dentista, tá entendendo? Ele era um nome gigante na minha área, reconhecido mundialmente, cientista, sendo pai de um filho com ela e tendo mais 3 filhos num casamento anterior, em nenhum momento ele disse: quando eu me casei eu tive que levar minha filha pra o balé, meu filho pra o dentista. Ele disse pra mim e pra minha colega que éramos graduandas.”

Ao longo da trajetória profissional, apenas Bárbara negou ter sofrido algum tipo de discriminação.

Mariana:

Discriminatória eu acho que não. Mas abusiva, assim, geralmente não, mas costumam ocorrer no sentido que eu falei de que se a

mulher, principalmente no ambiente que é muito masculino, não tiver uma determinada postura, as coisas acabam se confundindo no sentido de que o homem (colega ou aluno) se acha no direito de "avançar".

Ao ser questionada sobre qual postura ela acreditaria ser a correta, Mariana afirmou não existir postura correta.

Mariana:

“a gente se obriga a se preservar mais né, a ser mais contida, tanto na maneira de se vestir quanto na maneira de se portar, por causa dessas coisas, desses preconceitos em relação a mulher, que uma roupa tal determina que ela tá sendo fácil digamos assim, que uma postura tal determina que ela tá dando liberdade pra uma cantada ou uma piada, então coisas desse tipo. E são coisas que no ambiente de trabalho, eu noto que existe, principalmente quando você tem um ambiente que tem mais homens do que mulheres e que aí, eu tento evitar dessa maneira.”

Lise que nunca presenciou diretamente, conta de uma situação que aconteceu com suas colegas.

Lise:

“Na trajetória de trabalho como estudante de graduação. A gente, ao ser aluno da graduação, a gente passa por disciplinas, por alguns desafios apresentando, e existe alguns professores que tratavam de forma distinta as mulheres, inclusive naquele momento de repreensão, esse professor ele tratava de forma distinta as mulheres, sendo mais grosseiro inclusive, do que com os alunos homens, mas nunca ficava claro por ser mulher, eu acho que era mais porque ele achava que eram mais graças, que

aquelas alunas eram mais fracas. Mas quanto ao ser mulher, eu individualmente nunca sofri, mas presenciei muitas colegas.”

Rita e Irene compartilharam seus ocorridos.

Rita:

“Sim, muito. Porque quando você trabalha em uma empresa que ela é de renome, existe os fornecedores que querem tipo comprar você por trabalhar em uma empresa dessa e pra trabalhar pra eles, então os próprios fornecedores tinham pequenas empresas e, tipo, queriam pagar você. Abusiva também, tipo aquela coisa “ah, dar em cima, levar pra jantar” fornecedores que querem vender produto, certo.”

Irene:

“Já, já sim. As pessoas elas subestimam muito o conhecimento dos outros, né, uns dos outros. E assim, às vezes diz assim “Ah, fulano não consegue dar conta.” “fulana é mulher, talvez não consiga fazer determinadas atividades” Como trabalhar... em indústria o químico ele tanto trabalha no laboratório, como trabalha em campo, monitorando alguns equipamentos e eles acham que os trabalhos com equipamentos são mais voltados para homens e aqueles de controle de qualidade eles procuram colocar mulheres... E a questão abusiva é justamente essa, é achar que você não consegue, subestimar o seu conhecimento aí quanto você se coloca a prova, eu faço, eu consigo e se surpreender com o resultado.”

Perguntadas sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, desigualdade entre os salários devido à crença que existe sobre a falta de capacidade intelectual e emocional das mulheres foi apontada por elas como um dos maiores problemas. Assim como a ideia de que as mulheres ao terem filhos se tornam

mais incompetentes, pois na visão deles, não poderiam dar tanta atenção ao emprego como seria se não tivessem uma criança.

Lise:

“Sim. Além desses das pessoas acreditarem que elas não vão ter a mesma capacidade de dar cem por cento da sua atenção a um trabalho, uma função, existe aquela que eles acreditam ligado a fragilidade emocional e a fragilidade corporal, além disso, existe um preconceito que está enraizado historicamente onde a mulher não devia estar trabalhando, por isso se ela tá trabalhando aqui é porque ela tem que auxiliar algum valor a ela, sustentar a família pela metade, então ela não vai precisar receber o mesmo salário, digamos assim, porque ela não é o principal fornecedor.”

Irene:

“Porque mulheres como eu falei tem muitas atribuições, não só no mercado de trabalho como em casa. Também porque elas meio que representam um certo ônus para as empresas, porque precisam se afastar é pra ganhar filhos ou quando tá doente, ou a própria gravidez que em algum momento ela limita determinados trabalhos, pelo menos o de química. Por exemplo, uma indústria ela também procura evitar a contratação de mulheres por causa disso, na época que eu fui avaliada eles perguntaram se eu já tinha filhos, porque se eu já tenho filhos então o interesse de engravidar é bem menor do que de uma pessoa que não tem, que quer ter um. Então, isso eles pesam na hora da contratação também. “Você tem desejo de engravidar?” Então significa que em algum momento você vai precisar se afastar por um longo período.”

Quando questionadas se acreditavam que em suas respectivas áreas as mulheres e os homens tinham a mesma oportunidade, as respostas foram diversas, cada uma frisou um ponto de vista, mas a maioria delas concordou que não:

Mariana:

“Ainda não, principalmente na indústria. Eu sou licenciada e enquanto professora eu acredito que sim, que as mulheres têm as mesmas oportunidades e tal, desde que sejam dois profissionais eu acho que não será feita distinção por ser homem ou mulher. Mas na indústria, pra o pessoal da química que trabalha na indústria, pra os engenheiros químicos, eu acredito que ainda role isso aí, porque a indústria é um ambiente majoritariamente masculino, tem trabalho que ainda existe aquele pensamento “ah, isso não é trabalho pra mulher, isso não é ambiente pra mulher”, porque ambiente chão de fábrica além de ser muito masculino, é um ambiente insalubre, é um ambiente que você trabalha 24 horas por dia trocando tubo e escala, é um ambiente que você precisa de força física pra desempenhar algumas funções, então eu acho que na indústria ainda tem muito isso aí, é tanto que é bem mais masculino que feminino.”

Rita:

“Acho que isso é muito relativo, vai depender do setor, do local de trabalho. Mas existe a questão da politicagem, amizade e isso vai e interfere, né, aí isso vai ser independente se você é mulher ou não, mas digamos que você esteja num setor que a maioria é homem, lógico que você, talvez, não tenha tanta oportunidades para poder fazer seu trabalho.”

Lise:

“Eu sou servidora Federal, então é muito difícil uma servidora que passou por um concurso público ser preterida a um homem, né, porque aqui não tem esse critério do sexo, mas uma vez

dentro de uma academia pública como essa ou como uma universidade como a UFRN, por exemplo, uma vez que você ingressa nela que existe a distinção entre participações em cargos de direção, função gratificada, aí nisso você percebe uma hegemonia masculina.”

Irene:

“Não. Justamente por esses, primeiro que existe na sociedade a questão de que o homem ele ainda é considerado o provedor da casa. Então quando tem duas pessoas, o homem e a mulher exercendo a mesma função ou eles equiparam o salário igual ou eles vão dar mais oportunidade pra homem pra ter uma diferença salarial do que uma mulher, ainda se vê muito isso.”

Sobre a porcentagem de profissionais mulheres em todo o campus, somente Bárbara disse que havia mais mulheres. Todas as outras concordaram que o percentual tende para o lado masculino, principalmente as professoras de química que afirmaram que de 9 docentes de química apenas 3 são mulheres.

Irene:

“Tem muito mais homens, mas não por seleção de sexo, por seleção de conhecimento. Eles estão aqui presentes em número maior, mas por questão de que eles obtiveram maior êxito nos conhecimentos teóricos que a avaliação pra entrar aqui é puramente teórica, né, vai depender do que você conhece, do que você sabe.”

O discurso de Irene é interessante por ser perceptível que ela tenta explicar o porquê desse número ser maior. Mas de certa forma ela repassa, mesmo sem perceber, o argumento de que talvez as mulheres não tenham tanto conhecimento do que os homens. Reforçando assim a teoria do sexismo automático.

Em relação a sentir se seu trabalho já havia sido subestimado, a maior parte declarou que sim, que em algum momento de suas trajetórias já tinham tido seu

trabalho, mesmo que não necessariamente por ser mulher. Apenas Bárbara nunca tinha se sentido assim.

Rita afirma ter se sentido assim em sala de aula, Lise durante suas aulas de pós-graduação e Irene por colegas do *campus*.

Rita:

“Sim. Principalmente em sala de aula, as vezes até mesmo pelos próprios alunos, você é mulher e ele ser homem certo?! E não reconhecer seu trabalho.”

Lise:

“Ligadas à minha condição de mulher, eu me senti subestimada na minha pós-graduação que aí lá sim, eu percebia algo no laboratório os colegas homens tinham destaque para um tipo de pesquisa e as colegas mulheres tinham destaque pra outro tipo de pesquisa. Assim, na academia existe a regra do silêncio e eu apesar de conhecer nunca questionei oficialmente como se fosse uma agressão à mim e isso vem também do preconceito que há em cada mulher, que ela não busca, por exemplo ser fosse hoje eu teria me imposto dizendo Eu quero fazer isso. Porque eu não posso ter essa mesma oportunidade?”

Irene:

“Aqui eu trabalho na instituição né, então nós temos conhecimentos técnicos e os nossos colegas docentes eles tem muito mais, a maioria, tem conhecimento da licenciatura e na licenciatura eles não pagam muitas disciplinas técnicas ou disciplinas que explorem bastante o laboratório e já passei por situações de dizer assim “ah, eu não vou pedir ajuda de técnico porque se eu for pedir ajuda de técnico é como se eu tivesse menosprezando a minha formação” ou como dizer assim “ah, não vou fazer determinada atividade porque isso aqui é trabalho de técnico, trabalho de docente” com também já teve uma

situação de um professor dizer assim: “ah, você está aqui pra isso. Você tem que lavar a vidraria, porque você está aqui pra isso.”

Com relação às dificuldades sofridas em suas trajetórias no mercado de trabalho cada uma sentiu de forma diferente. Desde a dificuldade em manter a qualidade do trabalho até a não conseguir trabalhar perto de sua família, nem não ter o devido reconhecimento profissional e questões ligadas ao preconceito com o corpo.

Rita:

“Primeiro foi em relação aos locais onde era que você trabalhasse, você tinha que escolher. Porque na verdade minha família mora em Natal e eu nunca consegui trabalhar em Natal. A segunda é o reconhecimento profissional que você também se depara com isso, apesar de você ter um certo nível, ou então você querer contribuir para determinadas situações e você encontrar dificuldades até mesmo barreiras dessas pessoas fazerem com que você não evolua.”

Lise:

“As dificuldades que eu encontrei nos relacionamentos interpessoais não só ligados ao tema foi a questão de obesidade, que as pessoas eram preconceituosas ao ponto de achar que o laboratório era muito pequeno pra ter uma pessoa tão grande, o espaço físico e assim por diante.”

Quando perguntadas sobre se elas se consideravam bem sucedidas, a maioria declarou que sim, mas afirmaram ainda querer outros patamares.

Mariana:

“Sim, eu acredito que sim. Pra o que eu fiz e o que eu consegui hoje, que eu me considero jovem ainda e de onde eu vim também, porque eu acho que a gente sempre tem que lembrar disso,

assim né, eu acho que essa história de ser bem sucedido ou não é muito subjetivo porque tem muita relação com o que você quer, com o que você projetou pra você e ninguém projeta nada igual, as pessoas são diferentes, e de onde você veio, a tua história de vida que te impulsionou a buscar o que você buscou e a querer chegar onde você chegou.”

Lise:

“Sim, eu me considero bem sucedida, mas eu ainda quero outros patamares. Pra o que eu quero, pra as minhas finalidades que é aquele velho sonho de criança amadurecido, ainda não atingi totalmente e hoje eu já não tenho mais aquela ideia de só fazer o que eu gosto, eu quero também ser bem paga e isso é o principal fator para que eu tente outros patamares”.

Bárbara:

“Ainda não, tô estudando pra isso. Mas eu acho que eu consigo ter uma vida que, não tudo que eu quero porque eu acho que isso ninguém vai ter, mas eu consigo ter o básico com o que eu tenho. O essencial.”

Ao perguntadas sobre o que suas profissões representam e significam para elas, é nítido o amor que possuem por suas profissões:

Mariana:

“Nossa... Eu sou tão apaixonada pela minha profissão. Assim, é tanto que eu zelo muito por isso aqui, eu zelo muito pra fazer bem feito, eu zelo muito pra agir de acordo com a minha consciência como eu falei, porque eu valorizo muito isso aqui, sabe?! E eu não tô falando em termos salarias não, mas o que eu faço, o que eu represento enquanto professora pra os meus alunos, sabe?! O quanto eu posso inspira-los, o quanto eu posso motiva-los, o

quanto eu posso servir de exemplo pra eles de alguma maneira, e eu acho que o mais valioso da minha profissão é isso.”

Rita:

“Eu acho que a formação educacional ela é muito importante para cada ser humano, apesar de que muitos nem precisam tá numa sala de aula para terem um conhecimento.”

Lise:

“Se você me conhecesse na minha família todo mundo ia saber, porque eu não escondo o que eu faço, eu expesso numa mesa de bar, tô lá conversando e falo uma coisa de biologia. Aí por isso que a minha profissão tá ligada a mim de forma assim, bem aprofundada, eu não consigo separar, eu não sei passar dias e dias sem lembrar, sem falar, sem trazer alguma coisa que seja ligada a minha profissão, isso tem vezes que se torna chato, mas é a minha personalidade.”

Bárbara:

“É o meu ganho, é algo que eu gosto de fazer, não me vejo fazendo outra coisa em outra área, apesar de que algumas dificuldades que eu acho que não ganha tão bem quanto deveria, talvez eu até meio que mude um pouco mais na frente.”

Irene:

“Ah, representa tudo! Eu alcancei muitos objetivos na minha vida, né, o sustento da minha família, a conquista da minha casa, do meu carro; eu gosto da minha profissão, eu faço porque gosto, ingressei porque gosto, eu busco melhorias. Eu me sinto uma mulher realizada.”

Ao perguntadas sobre o que a profissão acrescentou em suas vidas, elas disseram:

Mariana:

“Eita, tanta coisa. O conhecimento, o aprendizado, e fora as relações pessoais que pra mim são riquíssimas assim, a construção de relações é uma das coisas mais ricas que eu vejo nessa profissão. A oportunidade de conhecer vocês, a oportunidade de partilhar um pouquinho do convívio com vocês, as vezes de partilhar alguma angústia de vocês, poder dar uma palavra. E lá na frente quando vocês encontram os professores vocês reconhecerem, tratarem com carinho, que alguma maneira ficar esse elo, ficar esse afeto, por mais que um vá pra um lado e outro vá pra o outro, eu acho isso muito rico.”

Rita:

“A minha profissão? É interessante, porque na verdade eu vi que quando há essa troca de informação você passa a ver que você ainda é limitado, principalmente o papel do professor que tem que se atualiza. Não é só apenas você saber de um assunto determinado, teoria, mas também você saber como repassar, é tanto que quando terminei a engenharia, quando entrei no if eu tive dificuldade, porque uma coisa é você trabalhar numa empresa e outra é você ser professor. É algo totalmente diferente, então eu tive muita dificuldade, é tanto que ano passado em outubro eu conclui um curso de licenciatura porque foi uma necessidade minha, pessoal de adquirir alguma informação, para melhorar a minha prática profissional.”

Lise:

“Ah, abriu um leque de coisas que eu nunca pensei em encontrar. Essa profissão que a gente escolhe, eu acho que qualquer profissão que te dá desafios lhe faz amadurecer, faz mexer nessa matriz. E a minha em si eu percebi que existe muito, porque além de ser bióloga, de ser bioquímica, eu ainda penso em ser

professora porque eu sou licenciada, então é uma profissão que lhe desafia sempre a tá aprendendo então quando você aprende não muda só aquele conteúdo, você consegue perceber, abre um leque, o sistema nervoso ele cria e vai criando e você de repente tá com mais sei quantas sinapses novas.”

Bárbara:

“Questão de responsabilidade, mais conhecimento, mais cuidado, nossa área é uma área que tem que ter muita atenção, acho que é isso.”

Irene:

“Ela acrescentou além do um crescimento pessoal, né, a gente lida com pessoas, a gente lida com conhecimentos ao longo da minha vida.”

Para finalizar, foi perguntado a elas quais medidas elas achavam que deviam ser implementadas para que haja uma maior igualdade entre os gêneros e essas foram as respostas:

Mariana:

“Isso é difícil, eu acho, de responder. Mas eu acho que se a gente for falar de medidas operacionais, falando, eu acho que a igualdade salarial seria uma medida, porque assim, hoje em dia infelizmente ainda existem cargos em que homens ganham melhor do que mulheres e que em processos seletivos os empregadores preferem os homens no lugar das mulheres. E aí, sinceramente eu não sei o que é que poderia ser feito pra mudar esse pensamento, porque é algo muito cultural mesmo, né, marcado, entranhado na cultura desde muitos anos. É muito difícil responder essa pergunta pra ti.”

Rita:

“Isso aí eu acho que vai demorar muito, na verdade precisa de tempo, porque na verdade os dois tem que caminhar juntos, a questão de ceder e tentar conhecer uns aos outros não pelo fato de você ter um rotulo, por aquilo que você é externo.”

Lise:

“É difícil, né, porque políticas públicas pra isso não existe de forma efetiva. No Brasil, a gente percebe essa diferença, a gente concorda que existe, mas você não vê isso. Não existem políticas públicas pra tentar diminuir essa desigualdade em relação a diferença no trabalho entre os sexos, a distinção que fazem. Não existem políticas públicas pra isso como existem, por exemplo, pra a inclusão de negros, para a inclusão de indígenas, assim, existem políticas para incluir mulheres em áreas que são o menor número, não existe. No Brasil não existe e no mundo não existem tantas. E qual seriam elas? Teria que partir do estado, dos governos também, porque do mesmo jeito que a mudança em outras minorias só ocorreu por causa da inclusão forçada só vai acontecer quando for entre mulheres e homens, mas a questão salarial vai demorar muito pra igualar.

Lise destacou o fato de não haverem muitas mulheres em posições de direção no *campus* Macau. As observações dela são altamente interessantes, pois coincidem com uma pesquisa lançada pelo IBGE em 2016, que comprova que, em todo o Brasil, apenas 37,8% das mulheres ocupam cargos de poder (IBGE, 2018). E mostrou suas ideias para que isso diminuísse.

Lise:

“Porque que não pode ser uma pró-reitora tem que ser um pró-reitor? Mas, claro, se no meio político, se no meio acadêmico, se no meio social, quando tem uma eleição escolhe-se pela maioria dos votos aí eles vão dizer que concidentemente a maioria votada foi homens, mas não é porque é isso, é porque

quando se tem um homem e uma mulher o voto vai pra o homem por achar que ele é mais eficiente do que a mulher, aí a política vai ser, nessas áreas poderia só se candidatar, por um tempo, a chapa tem que ter a maioria mulher, aí eu quero ver se não ganha mulher. Mas isso não vai acontecer porque inclusive as mulheres vão achar mais eficiente ter um homem reitor, pró-reitor ou um presidente do que uma mulher. Aí as políticas públicas que devem surgir devem ser pensadas como foi inicialmente pensada as políticas para a inclusão, as que nós já temos hoje. Não foi pensada sobre isso? Se pense sobre as mulheres. Agora eu, no meu mínimo conhecimento, porque eu sou muito leiga nessa área, a única coisa que eu penso é que as chapas sejam obrigatoriamente a maioria feminina ou representando, por exemplo, se na instituição tem a maioria mulher e a minoria homem, ou naquela área de estudo tem uma maioria mulher e uma maioria homem falar “agora vamos fazer um grupo com a maioria mulher porque já existe uma maioria homem” aí tentar fazer essas diferenças, mas eu acho que isso é muito superficial, tem que ser estudado, tem que ser analisado pra também não fazer distinção com os colegas que são eficientes, que possam agregar outras coisas e serem preteridos só por ser homem, porque a mulher é eficiente, ela pode ser escolhida, a questão é que tá o homem e a mulher com as mesmas condições se escolhe ele só porque ele é homem, mas se escolher ela, ela tem que provar mil vezes mais do que o homem provaria.”

Bárbara:

“Mais questão de... Acho que já vem acontecendo bastante viu, as mulheres lutando pelo seu espaço, questão de palestras de conscientização, as empresas incluam mais mulheres ao ambiente de trabalho para que elas possam mostrar a capacidade que elas tem e quando a mulher for discriminada ou se sentir discriminada por ser mulher num ambiente de trabalho,

correr atrás e não deixar que isso faça com que ela desista do que ela quer.”

Irene:

“Eu acho que as mulheres não podem ter um pensamento tão feminista, assim os homens não podem ter um pensamento machista. Eu acho que se a gente pensa um pouquinho de igual para igual a gente pode chegar lá.”

Através da análise da fala de Irene, pode-se afirmar que muitas mulheres, por não conhecerem a cerne do movimento feminista acabam por terem o pensamento de que ele e o machismo são iguais, ou seja, lutam pela maioria de um só gênero. O que é completamente equivocado, já que o machismo é sobre a supervalorização do homem e a dominância do patriarcado e o Movimento Feminista busca a igualdade de direitos entre ambos os sexos (D'ERCOLE, 2018).

5. CONCLUSÃO

É primordial destacar que as dificuldades citadas aqui não são comuns só em áreas científicas, mas em todas as áreas em que a presença masculina continua sendo muito forte. Problemas como preconceito relacionados a maternidade, subestimação do trabalho feminino e tentativas de adequação a padrões de comportamentos considerados mais contidos como prova de autopreservação são obstáculos que dificultam a ascensão das mulheres em quase todos os mercados de trabalho.

Análises como essas são importantes para comprovar que o sexismo presente na carreira profissional feminina é real, e que a crença da incapacidade feminina é fortalecida todos os dias por preconceitos muitas vezes disseminados por elas de forma automática.

Mesmo sendo originado de raízes culturais muito fortes, isso não significa que nada possa ser feito. Tomando como base a análise dos discursos das entrevistadas, pode-se concluir que políticas públicas e a uma maior fiscalização das leis, são sim o melhor caminho para a diminuição de casos de desigualdade entre os sexos e o aumento da contribuição e do reconhecimento feminino nessa área.

O primeiro passo para a construção de um mundo mais igualitário entre os gêneros é a compreensão de cada papel exercido na sociedade. Por esse motivo que discussões sobre o tema continuam sendo essenciais durante todas as etapas de formação acadêmicas. Cabe as escolas e faculdades trazerem à tona palestras acerca do papel da mulher na sociedade e implantar em seus currículos disciplinas que promovam o constante debate sobre como os processos de socialização atual as impõe o aceitamento de situações que não deveriam ser consideradas normais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero.** 2011.

D'ERCOLE, Isabella. **54% das mulheres acreditam que feminismo tenta mudar a realidade**, 2018. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/54-das-mulheres-acreditamque-feminismo-tenta-mudar-a-realidade/>>. Acesso em: 17 maio 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v.37, n.132, p. 595-609, set-dez, 2007.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil.** 2018.

LIMA, Betina Stefanello. **O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física.** Estudos Feministas, p. 883-903, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 18ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORENO, Ana Carolina. **Desde pequenas, meninas já consideram a engenharia uma atividade só para meninos, diz estudo**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/desde-pequenas-meninas-ja-consideram-a-engenharia-uma-atividade-so-para-meninos-diz-estudo.ghtml>>. Acesso em: 09 mar. 2018.

RODRIGUES, Maysa. O Sexo Inventado. **Revista Sociologia**, São Paulo, n23, p. 26 – 34, fev. 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n.1, v.1, p.71- 97, 1995.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito do capitalismo”.** São Paulo: Companhia das Letras. 6ª Reimpressão, 2004.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais.** São Paulo: Cortez. 3ª edição, 2001.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO – LEITURA INTEGRAL

Definição do projeto

Este questionário faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido no IFRN *campus* Macau que pretende explicar como o sexismo está presente na trajetória de trabalho/estudo das professoras e técnicas em química do IFRN *Campus* Macau. Assim, identificando a percepção que cada profissional tem sobre os possíveis empecilhos vividos em suas trajetórias.

Esse tipo de trabalho é necessário para que se possa entender que o preconceito de gêneros continua presente no decorrer dos anos, sendo muitas vezes disfarçado a ponto de só ser levado em consideração após um estudo como esse. Tornando-se também um obstáculo a ser enfrentado por essas profissionais.

Termo

É importante ressaltar que suas respostas vão ser trabalhadas junto com as respostas de outras pessoas, e em nenhum momento a sra. vai ser identificada. Sempre que quiser por qualquer motivo, a sra. pode escolher não responder as perguntas que serão feitas, basta avisar. Por último, eu gostaria que lembrasse que nenhuma resposta é certa ou errada, o que vale é o que a sra. pensa sobre cada coisa. Sendo assim, o mais importante é a sua sinceridade.

A sra. aceita participar desta pesquisa?

PERFIL SOCIAL

1. Identificação étnico-racial

() Negro

() Mestiço/Pardo

() Outro

() Branco

() Indígena

2. Idade

3. Profissão do Pai

4. Escolaridade Pai

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Nunca frequentou a escola | <input type="checkbox"/> Ensino médio completo |
| <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Nível técnico-profissionalizante |
| <input type="checkbox"/> Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós graduação |

5. Profissão Mãe

6. Escolaridade mãe

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Nunca frequentou a escola | <input type="checkbox"/> Ensino médio completo |
| <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Nível técnico-profissionalizante |
| <input type="checkbox"/> Fundamental completo | <input type="checkbox"/> Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós graduação |

7. Sua escolaridade:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino médio-técnico completo | <input type="checkbox"/> Pós graduação Mestrado |
| <input type="checkbox"/> Superior incompleto | <input type="checkbox"/> Pós graduação Doutorado |
| <input type="checkbox"/> Superior completo | |

8. A maior parte da sua educação básica, você cursou em

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Escola pública | <input type="checkbox"/> Escola privada | <input type="checkbox"/> Pública/Privada |
|---|---|--|

9. Há quanto tempo você está no mercado de trabalho?

- | | | |
|---|--|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> Entre 1 a 5 anos | <input type="checkbox"/> Entre 6 e 11 anos | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Entre 12 e 20 anos | <input type="checkbox"/> Mais de 20 anos | |

TRAJETÓRIA E SIGNIFICADOS

1. Para você, enquanto mulher, considera que é importante ter uma profissão? Por quê?
2. Quando você começou a pensar em ter uma profissão? Por quê?

3. Quais foram as profissões que você pensou em ter? Quais motivos que te influenciaram?
4. Você acredita que existam profissões exclusivamente para homens e/ou para mulheres?
5. Por que você escolheu ser professora de química (ou ser técnica de laboratório em química)? Quais motivos influenciaram?
6. Em seu curso de formação para sua profissão atual, como era o percentual de mulheres e homens na sua sala? E como era esse percentual entre os seus professores?
7. Nas chamadas ciências exatas e naturais, o número de mulheres ainda é reduzido e consideravelmente menor em comparação ao número de homens? Por que você acha que isso ocorre?
8. Na sua área de formação, como mulher, você enfrentou situações de discriminação, preconceito, dificuldades por causa de gênero, por você ser mulher? Se sim, como foi?
9. E ao longo de sua trajetória profissional, no mercado de trabalho, você já enfrentou alguma situação abusiva, discriminatória ou constrangedora por causa do gênero, de machismo? Como foi?
10. Você acha que as mulheres em geral enfrentam dificuldades no mercado de trabalho por serem mulheres? Por quais motivos?
11. Você acredita que na sua área profissional as mulheres têm as mesmas oportunidades que os homens? Por quais motivos?
12. No seu atual local de trabalho qual é o percentual de mulheres e homens?

13. Você sente que seu trabalho já foi subestimado? Se sim, como foi?

14. Quais foram as dificuldades que você encontrou no mercado de trabalho ao longo da sua trajetória?

15. Você se considera bem sucedida? Por quê?

16. O que a sua profissão representa/significa para você?

17. O que ela acrescentou a sua vida?

GÊNERO

18. Em sua opinião, que medidas podem ser implementadas para se alcançar maior igualdade entre os gêneros no trabalho e na sociedade?